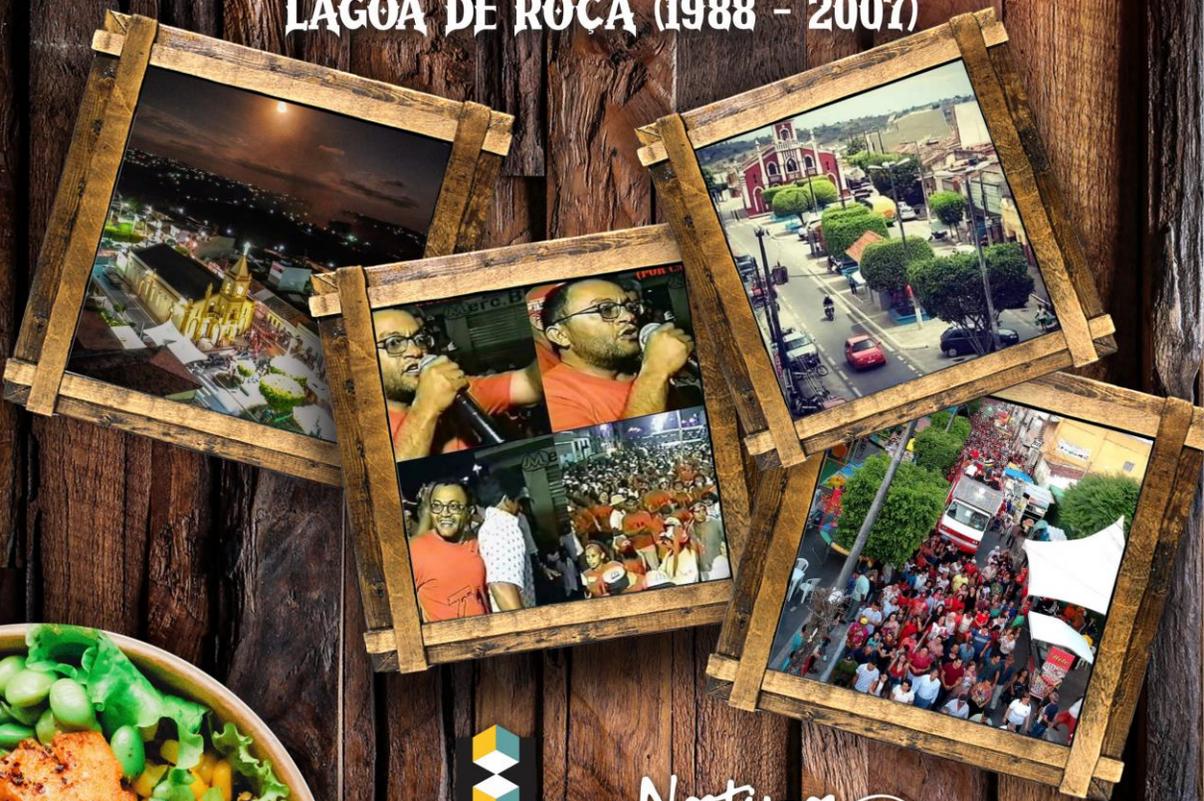


DO BAR AO ALTAR

TRAMAS POLÍTICAS E REPRESENTAÇÕES
EM TORNO DE "TOINHO DO BAR" EM
LAGOA DE ROÇA (1988 - 2007)



NUPEHL

Nativa

MONALIZA ROBERTA
LUSTOSA COSTA

**DO BAR AO ALTAR:
TRAMAS POLÍTICAS
E REPRESENTAÇÕES
EM TORNO DE “TÓINHO
DO BAR” EM LAGOA DE
ROÇA (1988 – 2007)**

Nativa



•

Editor

Lucas Manoel Freire Monteiro Cabral

Conselho Editorial

Luíra Freire Monteiro
Flávio Carreiro de Santana
Emerson M. Alves Silva

Conselho Científico

Bruno Rafael de A. Gaudêncio (IHCG)	Maria Liége Freitas Ferreira (UFCG)
Eliton S. Medeiros (UFPB)	Laudemiro L. de Figueiredo Filho (IHGB)
Flaubert Barros Leira (HGGP)	Lucira Freire Monteiro (UEPB)
Flávio Carreiro de Santana (NUPEHL)	Luíra Freire Monteiro (UEPB)
Glauber Paiva da Silva (UFPE)	Luiz Carlos dos Santos (IHGAN)
Hélio de Sousa Ramos Filho (UFPB)	Maria de Lourdes Lopo Ramos (UEPB)
Hilmaria Xavier Ribeiro (NUPEHL)	Maria Ida Steinmuller (IHCG)
Iordan Queiroz Gomes (NUPEHL)	Thomas Bruno Oliveira (IHGP)
João Pereira Silva Neto (IHLS)	Thuka Kércia Morais de Lima (MDCC)
José de Sousa Pequeno Filho (IHSB)	Vanderlei de Brito (IHCG)
Juvandi Dos Santos Silva (UEPB)	Vicentina Ramires (UFRPE)

Conselho Científico

Designer gráfico	Emerson M. Alves Silva
Capista	George Tenório Pinto
Revisão linguística	Vanuza de Oliveira Barbosa
Normalização técnica	Wellington Figueiredo



Edições Nativa

2021

Monaliza Roberta Lustosa

•

**DO BAR AO ALTAR:
TRAMAS POLÍTICAS
E REPRESENTAÇÕES
EM TORNO DE “TÓINHO
DO BAR” EM LAGOA DE
ROÇA (1988 – 2007)**

Nativa 

Edições Nativa

2021

Copyright 2021 – Autores
ISBN 978-65-995379-0-5

Capa – George Tenório da Silva
Projeto gráfico - Emerson Marcelino Alves Silva
Revisão: Luíra Freire Monteiro e Flávio Carreiro de Santana

Ilustração da capa:

Contato com os autores:
edicoesnativa@gmail.com

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS
É proibida a reprodução total ou parcial,
de qualquer forma ou por qualquer meio.
A violação dos direitos autorais (Lei no
9.610/1998) é crime estabelecido no artigo
184 do Código Penal.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Costa, Monaliza Roberta Lustosa
Do bar ao altar : tramas políticas e
representações em torno de "Toinho do Bar" em Lagoa
de Roça [livro eletrônico] : (1988-2007) / Monaliza
Roberta Lustosa Costa. -- 1. ed. -- Campina Grande,
PB : Nativa Edições, 2021.
eBook

Bibliografia
ISBN 978-65-995379-0-5

1. História do Brasil 2. Política - Brasil 3. São
Sebastião de Lagoa de Roça (PB) - História I. Título.

21-70713

CDD-981.33

Índices para catálogo sistemático:

1. Paraíba : História 981.33

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

Edições Nativa

2021

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	6
CAPÍTULO 1	10
AS ORIGENS DO PODER POLÍTICO E A TEATRALIZAÇÃO DA PERSONAGEM POLÍTICA “TOINHO DO BAR”	10
1.1 Sobre Política e História.....	11
CAPÍTULO II.....	21
ENTRE ANTÔNIO PEDRO E “TOINHO DO BAR”: A MORTE DE UM CIDADÃO E O NASCIMENTO DE UM PERSONAGEM	21
2.1 <i>“Toinho do bar”: O nascimento que veio da morte.</i>	22
CAPÍTULO III	32
CONSTRUINDO TRADIÇÕES, ESTABELECIMENTO REPRESENTAÇÕES EM TORNO DE “TOINHO DO BAR”	32
3.1 <i>A Memória como instrumento de perpetuação</i>	33
CONSIDERAÇÕES FINAIS	43
FONTES	46
<i>Fontes documentais:</i>	46
<i>Fontes orais:</i>	46
REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA	47

INTRODUÇÃO

Desde os chamados modelos primitivos de organização social, até os nossos dias, a política se apresenta como fator relevante nas articulações e ações das sociedades, seja de uma forma mais modesta ou arcaica, seja de maneira mais enfática e abrangente, o político esteve sempre inserido nas vivências em coletividade.

O presente trabalho é uma discussão inserida no âmbito da história política. No entanto, não nos nortearmos pela chamada história política tradicional. Não é do nosso interesse a exaltação de fatos e indivíduo, nem de legitimar, a partir da nossa pesquisa, mitos.

A nossa intenção é de fazer uma análise acerca dos discursos, imagens e representações, referentes a um determinado político, sendo este Antônio Pedro dos Santos, popularmente conhecido como “Toinho do bar”, estando esse inserido no contexto da política partidária implementada no município de São Sebastião de Lagoa de Roça, PB, num período compreendido entre 1996 a 2007.

Para darmos desenvolvimento a análise desse nosso objeto de trabalho, compreendemos a necessidade de caminhar por universos distintos da já citada historiografia tradicional. Tentamos, assim, ultrapassar as fronteiras dessa tendência convencional que há tempos postulam a história política, e buscamos entender nos jogos e nas relações que envolvem as práticas da política partidária.

Para tanto, abordaremos as tramas, teatralizações e/ou encenações, assim como as construções de mitos e de símbolos que advém dessas práticas no jogo político e social, e que ajudam no envolvimento e

formulação de lugares de memória e também a partir do imaginário de uma população.

Na nossa pesquisa, percebemos o fato político como mais um aspecto social. Nessa perspectiva iremos embasar esse estudo, a partir das discussões que envolvem a nova história política. Se faz relevante ressaltar que o objetivo central da nossa monografia é o de discutir, e se possível compreender, como o cidadão Antônio Pedro dos Santos, em tão pouco tempo, tornou-se o líder político da cidade acima citada.

Abordaremos também como esse vem a desestruturar um grupo político que já estava à frente do poder institucional local, há mais de trinta anos, criando com isso uma aura do mito que envolve, e que posteriormente transforma-o em importante líder político, “*O inesquecível Toinho do bar*”.

Contudo, mesmo com o seu afastamento do cenário político-partidária municipal, este ainda é alvo de referências em todas as campanhas eleitorais da cidade, seja por seus antigos correligionários, ou adversários.

Gostaria ainda de contemplar que o nosso interesse por essa temática nasceu de questionamentos bem particulares. Desde que um outro grupo hegemônico foi estabilizado na liderança política de Lagoa de Roça, nos surgiu a curiosidade de entender como se deu essa transformação, quais as estratégias usadas para a ascensão desse novo líder no cenário político local, como também perceber a conjuntura que possibilitou a formulação de imagens e representações envolvendo o então político, e grande parte da população lagoarrocense.

No intuito de construir esse trabalho, o respaldo teórico utilizado é um pouco diversificado, porém, todos voltados para discussões que entendemos ter uma importante relevância para o desenvolvimento de nossa problemática. Essas discussões darão, como já destacamos antes, uma especial ênfase a nossa história política, sendo embasada por questões como “*espetacularização do poder*”, não negligenciando os conceitos

acerca de “representações”, “poder simbólico”, “mito”, “lugares de memória” e “tradições inventadas”, dentre outros entendimentos.

No caminho da nossa pesquisa, buscando atingir nosso objetivo, faremos uso de um material bibliográfico indispensável, os quais respaldaram nosso estudo, como também faremos uso de entrevistas gravadas, já que, utilizaremos depoimentos orais. Sejam essas, de eleitores ou não, do já referido político.

Vale salientar que ainda reunimos um vasto material de propaganda, como panfletos, relativos as campanhas eleitorais de 1996 a 2000, períodos nos quais “Toinho do bar” participou, disputando a vaga para prefeito, assim como materiais referentes as datas especiais, onde homenagens foram dedicadas ao mesmo.

Esse trabalho está organizado em três capítulos. O primeiro capítulo procura discutir acerca da historiografia política, fazendo uma análise rápida da mesma. Relacionamos ainda essa análise como a história política da Lagoa de Roça, especialmente como o aparecimento político de Antônio Pedro dos Santos, nos períodos que vai de 1988 até 1996.

No segundo capítulo, a nossa abordagem se pauta em uma análise documental, sendo esses escritores ou não, que trazem informações sobre as representações construídas em torno do político acima citado, das maneiras como essas foram criadas, para a institucionalização desse personagem, e que o envolvem de imagens e que o ligam aos símbolos de grande homem público, de herói, de mito.

Por fim, no terceiro capítulo discutiremos os dispositivos de memória que auxiliaram na formação dessas representações, assim como da construção de tradições envolvendo Antônio Pedro dos Santos, e que o instituem no mito político “Toinho do bar”.

Enfatizamos ainda que, não é nosso objetivo fornecer explicações para o surgimento das práticas implementadas pelos indivíduos ou grupos inseridos no contexto analisado. Nosso interesse é o de perceber a

transmutação do sujeito Antônio Pedro em líder político mitificado, o “inesquecível Toinho do bar”, através das disputas de sua imagem e o agenciamento de sua rememoração.

CAPÍTULO 1

AS ORIGENS DO PODER POLÍTICO E A TEATRALIZAÇÃO DA PERSONAGEM POLÍTICA “TOINHO DO BAR”

Neste primeiro momento do nosso estudo, procuramos perceber o início das relações e manifestações que institucionalizaram o senhor Antônio Pedro dos Santos ou “Toinho do bar”, enquanto político no município de Lagoa de Roça¹, no período que vai de 1988 a 1996, ano em que o mesmo se estabelece no cargo de prefeito da referida cidade.

Para tanto, propomos trabalhar uma problematização voltada ao campo do político e do discurso. Uma proposta respaldada também pela visão da nova história política, onde as tramas e articulações implementadas por sujeitos, quando esses se propõem envolver-se numa interação de luta, sobre tudo em busca do acesso a cargos diretivos do poder político público.

Gostaríamos de salientar que, questões referentes aos termos “simbolismo” e “teatralização” no poder também serão discutidas, haja vista entendermos esses como aspectos relevantes na formulação do jogo político que institui personagens e as legitimam no âmbito da política.

¹ O município de São Sebastião de Lagoa de Roça está localizado no Planalto da Borborema, mesorregião do agreste paraibano e na microrregião de Esperança, tendo sido distrito do município de Alagoa Nova até 1961, quando de sua emancipação.

Ressaltamos ainda, que para o desenvolvimento dessa análise, além da consulta a uma produção historiográfica acerca do tema, em especial aquelas que se referem a nova história política, também fazemos uso de depoimentos orais, esses coletados através de entrevistas gravadas.

1.1 Sobre Política e História

Por muito tempo a produção historiografia, de um modo geral, privilegiou o estudo do político, enquanto poder institucional. O Estado, as tramas para sua firmação e mesmo as ações de homens influentes (políticos) se tornaram comuns na narrativa historiográfica.

Por primazia, as administrações públicas representavam o *lugar* de manifestação de poder, e este era reconhecido e legitimado através da história (escrita). O Estado seria o representante “oficial” daquilo que chamamos de organizações política.

Assim, essa tendência era baseada no racionalismo cientificista, que defendia a ideia de evolução, ou mais precisamente de linearidade em todos os aspectos das sociedades, e que perdurou por um longo período, tendo como base para a pesquisa as fontes escritas: documentos que eram, em sua grande maioria, oficiais (especialmente considerados jurídicos) o que legitimava as narrativas, respaldando, dessa forma, a “reconstrução” dos fatos. Estavam conservadas, livres de juízos de valor e sempre dispostas a consultas para os ofícios de pesquisa.

É interessante destacar que, mesmo com algumas transformações ocorridas, ao longo do tempo, no âmbito social, essa já citada vertente não foi abolida tão rapidamente. No Antigo Regime, a história política era centralizada nas figuras dos soberanos, em exaltá-los, colocando-os sempre em evidência. Os movimentos, e revoluções que desestruturaram o poder da monarquia, não mudaram os rumos da historiografia, “apenas mudaram seu objeto”. Em vez de se fixar na

pessoa do monarca, a história política se voltou para o Estado e a nação (RÉMOND, 1996, p. 15).

Para tanto, enquanto objeto para a escrita da história, a política continuava sendo observada como o lugar onde o poder se manifestava de maneira mais abrangente, e, portanto, tendo um destaque absoluto na construção da historiográfica.

Essa prática, só foi contestada há pouco mais de meio século, quando uma nova geração de historiadores (dos Annales) se voltaram para outros interesses, numa busca por uma história total. Mas preocupada em problematizar ou questionar acerca do sentido dos acontecimentos, foi nesse momento que a “antiga” história política perde sua hegemonia, saindo do foco da produção histórica.

Essa nova maneira de construir a história percebida no estudo do político “uma espécie de suma de todos os defeitos que uma nova concepção denunciava na história tradicional (...), e logo a nova história considerava as estruturas duráveis mais reais e determinantes que os acidentes de conjunturas, entre apenas fatos, personagens ilustres ou contextos. (Ibid., p.16).

Um saber que estava sendo constituído a partir do que poderíamos chamar de “esgotamento” das explicações dos modelos teóricos globalizantes, no qual o historiador estava remetido a uma pesquisa focada num único aspecto e em busca de uma única verdade. Essa visão renovada foi implementada, dando uma ênfase maior às pesquisas voltadas para as questões sociais como um todo, percebendo que o poder é simbólico, logo uma experiência social e cultural.

Todavia, ainda segundo René Rémond, há mais de duas décadas as pesquisas acerca da história política vêm tendo um retorno bastante significativo. O político ressurgiu de uma forma renovada, instigado

pelo desafio causado pelas críticas recebidas, e sendo trabalhado a partir de novas práticas que agora construíram o saber histórico.²

A história política, agora não se apresenta de maneira superficial e reducionista, indiferente aos homens comuns, uma vez que ela representa um aspecto social que está ligado por diversos “fios”, constituindo um reflexo da vida em coletividade, e, sobretudo, entendida como criação humana. Partindo dessa leitura, a política passa a fazer parte dos domínios das representações sociais. Segundo observações de Francisco Falcon:

O estudo do político vai compreender a partir daí não mais apenas a política no seu sentido tradicional, mas, em nível das representações sociais ou coletivas, os imaginários sociais, a memória ou memórias coletivas, as mentalidades, bem como as diversas práticas discursivas associadas ao poder (FALCON, 1999, p. 76).

Assim, passamos a perceber o político também como objeto da chamada nova história. E partindo dessas perspectivas é que iremos analisar, em nova pesquisa, as encenações, estratégias, ou mais precisamente, o universo simbólico que introduziram o cidadão Antônio Pedro dos Santos e seu grupo na política partidária local de Lagoa de Roça, bem como o lugar onde foram desdobradas as relações que marcaram as lutas pelo poder nesse município.

No entanto, gostaríamos de ressaltar que não estamos buscando, a partir da nossa narrativa, encontrar ou expor a verdade acerca da sua vida pública, exaltando-o ou desqualificando-o. Ao adentrarmos no tema que envolve as práticas políticas de um indivíduo, que exerce funções administrativas a frente do poder público de um determinado município, o que procuramos é perceber as articulações, as tramas que envolvem as

² Lembra ainda Rêmond que a transformação conceitual/metodológica no campo ou abordagem da história política foi reflexo direto das necessidades de renovação e reflexão crítica interior da prática disciplina que, a partir das discussões entre historiadores da área, acabaram concedendo às críticas e incorporando modificações (Ibid., p. 26).

relações, essas construídas a partir das manobras provenientes dos jogos de poder, e que em casos são absorvidos como “naturais” pela sociedade.

A personagem política “Toinho do Bar” surgiu na cidade de Lagoa de Roça, possibilitado pela condição de adversário de um antigo grupo político local, cuja formação remontava a emancipação da cidade em 1961.

Esse grupo era formado por indivíduos remanescentes das famílias tradicionais da região, como as famílias de sobrenome Carvalho, Tavares, Gonçalves, Coura, Medeiros, Donato, Gregório, Sobreira, entre outras. Dentre essas, a família Donato esteve ligada a política lagoarrosense ao longo dos anos.

O antigo grupo político do qual “Toinho do Bar” se tornaria adversário, era liderado pelo senhor Genival Donato de Lima, filho da terra, agropecuarista, e denominado por alguns, chefe político da cidade. Este estava envolvido com o poder público municipal, mesmo quando Lagoa de Roça ainda se constituía distrito de Alagoa Nova.

O senhor Genival havia sido vereador na cidade de Alagoa Nova, no período de 1955 a 1958. Ainda foi eleito mais uma vez no ano de 1962, para o mesmo cargo só que já pelo município de Lagoa de Roça. Deu continuidade à sua atuação política no município, e assumiu o cargo de prefeito pela primeira vez em 1966.

A partir desses períodos destacados, a história do município esteve sempre ligada ao universo que envolvia as práticas políticas do senhor Genival e dos indivíduos pertencentes a seu grupo. Práticas voltadas para a política do “*É dando que se recebe*”, ou seja, pela troca de favores muito utilizadas nas políticas coronelísticas. Contudo, essa prática política não se modificaria ao longo dos trinta anos seguintes ao primeiro mandato, o que favorecia sua sempre permanência à frente do poder público municipal.

Essa liderança só vem a ser interrompida em 1996, quando um novo grupo se estabelece, toma o poder, e “Toinho do bar”, que está à frente do grupo, é implementado como novo líder político.

Dessa forma, tentaremos compreender os símbolos e mitos que são impostos pela política lagoarocense, a partir dessa mudança do quadro político local. Nosso interesse acerca dos conceitos que envolvem essas temáticas nasceu a partir do momento que observamos como pessoas comuns, através da oralidade nos informavam sobre a pessoa de Antônio Pedro dos Santos, ou como é mais conhecido, “Toinho do bar”. Vale salientar que, esse cidadão é chamado dessa maneira, graças a seu trabalho no comércio. Surgiu em especial, no período em que o mesmo era proprietário de um bar no centro da cidade.

Toinho do bar é personagem presente no contexto político de Lagoa de Roça, a partir de 1988 a 1992, quando foi eleito vereador por duas vezes consecutivas. É interessante destacar que sua entrada para política foi através do grupo hegemônico acima referenciado, com quem conviveu durante alguns anos. O rompimento com este só acontece em 1996 quando Toinho decide disputar a campanha para prefeito.

Segundo alguns dos seus correligionários, ele estava no grupo, mas não com o grupo: Toinho tinha seus próprios interesses, e há muito vinha se organizando. Para tanto, no período da campanha usou de uma denúncia para colocar-se em evidência:

Toinho sabia que a merenda escolar não estava chegando em alguns grupos da zona rural. Caiu em campo para investigar, descobrindo o desvio, arrumou provas e denunciou nas rádios. Outra coisa era a falta de atendimento médico para a população que ele também denunciou³.

Este, dentre outros relatos, nos apresenta um político que buscava uma maior visibilidade na sociedade, constituída a partir de uma ênfase constante acerca de sua preocupação em mostrar ao povo que poderia

³ Entrevista concedida pelo senhor Heriberto Paulino, no dia 23 de janeiro de 2007.

confiar nele. Tentativas discursivas de publicitar que a prioridade de seu governo era o bem-estar da população, ou seja, que após sua eleição o povo só teria a ganhar. Intenção demonstrada, por exemplo, em um de seus discursos, durante a comemoração da sua vitória:

Em primeiro lugar, quero agradecer a Deus pela eleição, não esquecendo também o povo, por ter me conduzido a esta vitória prometo administrar com comunhão de pensamento e ação, desempenhando meu trabalho, honrando até o fim o meu mandato (...) eu sou do povo trabalhei pelo povo, e pelo povo morrerei...

Dessa maneira, Antônio Pedro vai construindo sua imagem de bem feito público, introduzindo-se no imaginário popular como aquele que viria trazer uma inovação no setor administrativo da cidade, e por consequência, na sociedade de Lagoa de Roça. Tais práticas nos levam a relacioná-lo, aos chamados políticos populistas.

Segundo Maria Helena Capelato, no início do século XX, o populismo representava a promessa de um estado forte e personalista, estando aliado a uma liderança carismática (CAPELATO, 2001).

Podemos perceber que, o político que adota as práticas populistas, em sua grande maioria, faz questão de ter uma relação de proximidade com o povo, ou melhor, em tempos de campanha, estão sempre nas ruas, conversando com as pessoas, deixando sempre claro em seus discursos, que a vontade do povo é soberana, como é o caso de “Toinho do bar”.

São frases de efeito, como as que destacamos acima, que embasam os discursos paternalistas, onde o político se apresenta como líder carismático, o mesmo seduz, conquista, envolve as massas.

Por outro lado, esses populares por crença acreditam naquele discurso pensando numa efetivação que os favoreça. No entanto, essa apresentação não ocorre de maneira forçada, não aparentemente.

Discorrendo acerca dessa discussão, Shwartzenberg defende que a legitimação de um político com essas características se dar “graças a sua ascendência, ao seu fulgor. Impõem-se à admiração e forçam a adesão.

Graças a esse talento pessoal. A esse dom de graça (...)" (SC" WARTZENBERG, 1977, p. 14).

Nesse sentido, o populismo se apresenta como fenômeno ideológico e político, onde o povo passa a perceber o Estado representado pelo seu líder, como sendo uma força neutra, que está acima de todos os seguimentos da sociedade, podendo interferir de maneira soberana. Como destaca José Murilo de Carvalho: "é uma visão antes de súdito que de cidadão, de quem se coloca com objeto de ação do Estado, e não de quem se julga no direito de o influenciar". (CARVALHO, 1987, p. 146).

O contexto político de 1996 em Lagoa de Roça, era de mais uma campanha para prefeito, na qual Antônio Pedro sai candidato, se desvincula do grupo ao qual até então fazia parte, alegando existir um esquema de corrupção, do qual não queria fazer parte. Logo, faz das causas dessa separação, sua maior bandeira, sendo que essa respaldaria a formulação de seus discursos de campanha. Deu-se início, a partir daí, a um fascinante espetáculo nunca antes visto na cidade.

A hipótese do Estado espetáculo, ou da teatralização política, é válida como estratégia para se estabelecer no poder ou se chegar até ele, haja vista, ter sido usada em sociedade diversas ao longo do tempo, independente das distintas culturas, incluindo as da atualidade. Discutindo acerca dessa questão Balandier observa que o político é um ator, que tem como público alvo a sociedade ao qual está inserido.

Partindo ainda das concepções deste teórico, a teocracia "(...) regula a vida cotidiana dos homens em coletividade (...) é um regime permanente que se impõe aos diversos regimes políticos, revogáveis e sucessivos" (BALANDIER, 1982, p. 5). Podemos então perceber que as formas de governos até podem não ser a mesma, todavia, a teatralização vai estar inserida nestas, para além de suas particularidades.

Partindo desse princípio, os políticos são absorvidos enquanto atores do cotidiano, produzem imagens que interessem aos governados,

da maneira que, o que acontece nos bastidores do poder, nunca seja repassado com transparência, até que estando o poder desnudo, vai fazer dos indivíduos que nele estão estabelecidos iguais aos demais. É preciso manter o mistério em volta do líder, atribuindo assim, sendo a esse poder.

Em Lagoa de Roça, não é diferente. Uma campanha eleitoral se torna o assunto mais discutido da cidade, especialmente a de 1996, já que se tratavam de oponentes denominados como “muito fortes”, não existindo certezas acerca do resultado. Durante a campanha política municipal as ruas se tornam palco de grandes concentrações populares: eram comícios, passeatas e carreatas promovidas por ambas as partes.

Quem participa dessas manifestações, carregava sempre consigo algum símbolo do seu candidato, fosse um simples boné, camiseta ou bandeira, enfim, algo que simbolizasse seu comprometimento enquanto eleitor/partidário. Todo esse envolvimento e encenação tinha a intensão de demonstrar o nível de popularidade dos candidatos ou medir de alguma forma a força política dos mesmos.

Quem atraísse mais atenção em torno de si, seja quantificado em “gente” ou qualificado em encenação na “festa”, supostamente também acabava por legitimar o seu favoritismo. Dessa maneira, lembramos de Balandier quando ele indica que nesses caso o envolvimento político se propaga, “as ruas das cidades atuais voltam a ser um cenário onde se produz demonstrações, não mais submetidas às regras e convenções das instituições (...)” (BALANDIER, 1982, p. 72).

A partir desse momento eleitoral (1996) em Lagoa de Roça, todo um aparato simbólico foi sendo montado em torno desse novo personagem em evidência, e a partir desses símbolos construídos, dessas manifestações, a imagem de “Toinho do bar”, vai tomando o lugar do cidadão Antônio Pedro dos Santos, um personagem que formula significados, esses distintos, no imaginário das pessoas do lugar.

Discorrendo acerca do simbolismo no imaginário coletivo Balandier, com muita pertinência, afirma que o poder simbólico tem a força da anunciação “(...) de fazer ver e fazer crer, de confirmar ou de transformar a visão de mundo (...)” ou de construir representações de mundo, estas partindo de sistemas simbólicas, como nos casos dos heróis, dos mitos e dos mártires, o que, no nosso caso aparentemente vem a se confirmar a partir do falar de alguns populares:

Toinho do bar era um grande líder, um homem predestinado para liderar Lagoa de Roça. Acho muito difícil existir aqui outro no nível de Toinho, ele era uma pessoa a frente de seu tempo, tornou-se um mito político em nossa cidade (...)⁴.

Salientamos que em nossa problemática percebemos o mito não como uma história mentirosa, mas como uma forma de pensamento, que até pode ser oposta ao lógico e ao científico, mas que inserida num imaginário social torna-se uma verdade. Entendemos que a ideia de mito é construída a partir das emoções sentidas e das experiências vividas pelas pessoas. Logo:

(...) um mito é não necessariamente uma história falsa ou inventada, é isso sim, uma história que se torna significativa na medida em que se amplia um significado de um acontecimento individual (...) transformando-o na formalização simbólica e narrativa das auto representações partilhada por uma cultura (FERREIRA E AMADO, 1998, p. 121).

Nas políticas públicas, através do assistencialismo, “Toinho do bar” se institucionalizou como representante das necessidades e interesses populares. Estava sempre nas ruas buscando saber dos últimos acontecimentos, conversando com os eleitores, tentando resolver problemas individuais dos mais diversos, desde um conselho, até a construção de uma casa em tempo mínimo.

Por estas atitudes o mesmo passou a ser considerado por alguns como símbolo de mudança para o município, ou seja, um representante cujas práticas são naturalmente ligadas ao seu destino ou à sua missão,

⁴ Entrevista concedida a autora, pela senhora Noilma Santos, no dia 27 de janeiro de 2007.

essa, por vezes destituídas de historicidade, na leitura de uma grande parcela da população local. Práticas que lhe possibilitou a imagem de mito no âmbito da política.

Uma imagem pública, criada também por suas próprias articulações, mas em especial pelas narrativas populares, essas que colocam em evidência seres humanos e suas práticas, fazendo a transposição dos acontecimentos históricos, sendo esses reais ou não. Referente a Toinho do bar, as imagens remetidas ao mesmo garantiu uma visão mitificada, legitimando assim sua vitória em 1996.

Porém, essas não foi apenas uma vitória sua no contexto eleitoral, mas, sobretudo, um acontecimento que legitimou as subjetividades populares ligadas a este político.

CAPÍTULO II

ENTRE ANTÔNIO PEDRO E “TOINHO DO BAR”: A MORTE DE UM CIDADÃO E O NASCIMENTO DE UM PERSONAGEM

Neste capítulo, nossa análise dará uma maior ênfase a percepção de como determinados discursos concorreram para agenciar algumas representações referentes ao político Toinho do bar, em especial aquelas construídas após sua morte. Para tanto, passamos a analisar os relatos que contextualizam o período no qual ocorre esse fato envolvendo o então prefeito, o qual permitiu que a visão de mito em torno do mesmo viesse a se alargar.

Destacamos ainda que, serão as narrativas que se apresentaram como testemunhos de um momento vivido, que nos permitirá, compreender as representações formuladas por uma acentuada parcela da população local, acerca desse ocorrido.

Aqui trabalharemos com narrativas numa perspectiva diferente das concepções da chamada história “tradicional”. Buscamos perceber que, na contemporaneidade, em especial quando inserida num olhar culturalista, a narrativa não é compreendida como o a realidade dos fatos reais. Seria ela, apenas mais um discurso acerca daquilo que entendemos como real.

Mediante essas considerações, entendemos o ato de narrar como prática discursiva que tem um papel central na formulação dos códigos sociais, e que, portanto, será de fundamental importância para a problemática que envolve o nosso estudo.

Em nossa pesquisa foram selecionados relatos produzidos por intenções diversas. Utilizamos o relato oral dos moradores de Lagoa de Roça, eleitores ou não do referido político, notícias de jornais e registros

policiais, tentando demonstrar que a partir do universo daqueles discursos, entre notícias e comentários “despropositais”, memórias, registros orais e escritos, foram formulados olhares múltiplos, interesses diversos, representações e identidades distintas para o personagem “Toinho do bar”.

Na busca pelo entendimento dessas questões, percebemos que memória e identidade “caminham” juntos, e mesmo sendo ponto de discussão em diversas áreas das ciências sociais, em nosso trabalho foi na metodologia da história oral que essa relação se revelou.

Em conjunto, memória e identidade possibilitam os estudos que partem do presente, de personagens vivos que, para além dos testemunhos dos fatos ou relatos de trajetórias, nos possibilitou visualizar um momento de seleções dos acontecimentos, de constituição de discursos, daquilo que sobressai na representação de um dado sujeito em uma dada historicidade: eis os meandros que cercamos agora “Toinho do bar”.

2.1 “Toinho do bar”: O nascimento que veio da morte

Em 1996, durante a campanha eleitoral do município de Lagoa de Roça, Toinho do bar rompeu com seus antigos aliados, e liderou um espetáculo diferente de tudo antes visto, em relação a campanhas políticas, na localidade. Centenas de pessoas se aglomeravam nos chamados comícios, para ouvi-lo falar, como nos informa interessadamente o relato a seguir:

(...) não existia artistas para chamar o público, o povão ia porque queria vê-lo falar, e olha que ele era sempre o último, mas as pessoas não arredavam o pé. Qualquer um que usasse um mínimo de lógica, percebia que ali, naqueles palanques, estava a nova liderança do nosso município⁵.

⁵ Entrevista concedida em fevereiro de 2007, pelo senhor Heriberto Paulino, assessor de “Toinho do bar” em 1996.

Narradas de forma apaixonada, o discurso faz ver que, aparentemente, para a população de Lagoa de Roça, as articulações e estratégias de “Toinho do bar” para chegar ao poder foram absorvidas enquanto “naturais”, e não como planos pré-estabelecidos como um fim definido, mas ocorridos por ter chegado a hora de mudar. Ele tornou-se um *símbolo* de novo tempo, tendo o *dom* de implantar essa mudança.

“Sujeitos de ação coerente que anunciara um governo em que o tempo seria de bonança”, para ser o desejo ou compreensão de boa parte dos moradores de Lagoa de Roça, cuja historicidade transmutou-se numa construção simbólica e cerca do chefe político e sua administração.

Para tanto, devemos entender que o universo simbólico foi gestado socialmente e não dependia apenas do desejo de um personagem específico ou de uma dada “temporalidade” inevitável. Podemos entender que esses simbólicos é, antes de mais nada, “um poder invisível o qual só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que o exercem”. (BOURDIEU, 1989, p. 8).

Fascinados, percebemos as práticas como uma espécie de dom, quiçá heroico ou divino, boa parte da população (especialmente seus eleitores) acabara por ir moldando seu personagem. Como observa CARVALHO (1990, p. 55), os heróis são símbolos poderosos, encarnações de ideias e aspirações, pontos de referências, fulcros de identificação coletiva. São, por isso, instrumentos eficazes para os cidadãos. E foi com essa imagem carismática, que Toinho venceu as eleições de 1996, com uma acentuada vantagem de votos em relação ao segundo candidato.

Para muitos, sua vitória foi uma comprovação de popularidade, já que o mesmo tinha derrotado uma liderança exercida na cidade a mais de três décadas, como podemos perceber no relato seguinte: “O povo estava cansado, o mesmo grupo falando das mesmas coisas. Ele veio pra mudar

tudo aquilo, tinha visão de futuro, era mesmo um visionário aquele Toinho (...)⁶.

Esse tom de saudosismo, no relato acima é explicado pelo fato ocorrido na madrugada do dia 10 de setembro de 2000, quando a cidade de Lagoa de Roça acordou mais cedo. Ainda estava escuro, mas a população já preenchia as ruas, e por toda parte se ouvia a mesma coisa: *“o prefeito está morto, mataram Toinho do bar!”*.

O impacto causado pela notícia do atropelamento que causou sua morte, em plena campanha para reeleição, trouxe um clima de comoção, agitação e violência para a cidade. Correligionários nas ruas e adversários fechando as portas com as ameaças de linchamento:

Foi uma sensação muito ruim, telefonemas acusadores, dizendo que tínhamos conseguido calar Toinho do bar. Não abri as portas do meu comércio naqueles dias, por receio, mas também por respeito ou luto que estava envolvida toda a cidade⁷.

Antônio Pedro dos Santos foi vítima de atropelamento na BR 104, por volta das 00:30 do dia acima referido. Foi socorrido, porém, não resistiu aos ferimentos e morreu poucas horas depois. O mesmo voltava do seu comércio, ocorrido na zona rural de Lagoa de Roça, juntamente com algumas dezenas de pessoas, sendo que dessas, outras além dele, tiveram ferimento graves e vieram também a falecer.

Segundo alguns relatos, Toinho do bar vinha sofrendo ameaças de morte a partir de telefonemas anônimos e cartas. Após o ocorrido (a morte), os murmúrios acerca dessas ameaças tomaram grandes proporções, como nos indica o relato abaixo: *“Toinho vinha recebendo algumas ameaças, eu cheguei a atender uma das ligações e nela uma voz de homem dizia que Toinho podei ganhar, mas não assumiria”*⁸.

⁶ Entrevista concedida pela senhora Adelma Souto Diniz, em 05 de fevereiro de 2007.

⁷ Entrevista concedida pelo senhor Marcone Freitas, em fevereiro de 2007. Eleito vereador em 1996, adversário de Toinho do bar.

⁸ Entrevista concedida pela senhora Hélia Maria Gregório em dezembro de 2006, ex-esposa de Toinho do bar.

Ou ainda como afirmou a viúva de Antônio Pedro, Cacilda Maria Rocha, numa entrevista ao jornal Correio da Paraíba: *“Eu não estava lá e não posso afirmar nada, mais vínhamos sofrendo ameaças anônimas constantemente. Chegaram a me dizer que estavam preparando uma armadilha para Toinho, a gente vivia apavorado”*⁹.

Amauri Pereira Jorge, um dos depoentes no inquérito policial acerca da morte do prefeito, disse que ao término do comício o prefeito e a maioria das pessoas presentes resolveram vir a pé, aproximadamente entre noventa pessoas, ele inclusive. Ao chegarem nas proximidades do sítio Camucá, observou que um veículo apontava na ladeira de faróis apagados, desenvolvendo uma velocidade normal para o local, mas que ao aproximar-se das pessoas, os faróis foram acesos e o automóvel acelerou.

Nesse momento, o mesmo viu Toinho do bar levantar os braços e virar-se, falando para que “Cadú”, um amigo que estava bem próximo dele naquele momento, tirasse as pessoas da pista, afim de que o carro pudesse passar. Segundo Amauri, essa foi a última cena que tem lembrança, já que foi atingido, no momento seguinte, juntamente com outras pessoas, só acordando no hospital. Este apenas soube da morte do prefeito quando retornou a Lagoa de Roça¹⁰.

Um outro depoimento que parece partilhar semelhança com aquele proferido pelo senhor Amauri Pereira Jorge, foi relatado pelo senhor Ronaldo Ferreira do Nascimento, mais conhecida como Cadú. Ele confirma que estava vindo do comício a pé, juntamente com o prefeito, quando avistou um carro apontando na ladeira, com os faróis apagados.

Percebeu que, faltando aproximadamente uns vinte e cinco metros para alcançar as pessoas, Toinho viu o veículo, foi para o meio das pistas com os braços levantados, tendo nesse momento, o condutor do carro

⁹ Jornal Correio da Paraíba, 11 de setembro de 2000.

¹⁰ As narrativas foram construídas a partir dos relatos do senhor Amauri Pereira Jorge, contido no termo de declarações, que o mesmo prestou ao delegado Aldo Barreto do Carmo, no dia 13 de setembro de 2000.

diminuindo a velocidade. Quando o prefeito pedia para que o mesmo, afastasse as pessoas, afim de que o veículo passasse, foi surpreendido, pois os faróis foram acesos, e a velocidade do carro aumentada. Assim, na ocasião foram atropelando o prefeito e outras pessoas, incluindo o próprio Cadú¹¹.

Assim, o falar sobre os acontecimentos, anteriores e posteriores ao atropelamento que levou a morte do prefeito, vai montando a tragédia de maneira a despertar suspeita acerca de suas causas. Eram faróis apagados, o carro que acelera, já em frente das pessoas, as ameaças sofridas pelo prefeito: são gestos e rumores que vão construindo o espaço do acontecimento. Assim, se constitui uma trama formulada a partir dos relatos proferidos, da memória dos narradores. Não que entendamos a história como algo dado, só necessitando de um personagem para narrá-la, mas uma construção que foi feita e referida, inventada e reinventada por aqueles que produziram as marcas da história que aqui buscamos entender.

Dentre essas narrativas, e que poderíamos denominar de mais contundentes seria o de José de Assis Pereira Barros, um jovem de vinte e um anos, que declarou, ainda no dia dez de setembro, as 14:25 horas, ao então delegado, Alberto Barreto de Carmo, que, no dia nove do mês já citado, por volta das 22:00 horas, quando se dirigia para sua casa, observou que estavam estacionados na sua rua três veículos, sendo uma Parati de cor azul sem placa, um Vectra, com placa do Rio de Janeiro e um Jeep Hilux. Em volta dessas estavam conversando com os senhores Raimundo Sebastião da Silva, candidato a vice-prefeito pelo PFL, Gil Donato de Lima, filho do candidato a prefeito, pelo PFL, Genival Donato, e um segurança do senhor Raimundo, todos da oposição.

José de Assis afirmou que sabia ser os respectivos carros Vectra e Jeep Hilux, pertencentes, a Raimundo Sebastião e o segundo a Gil Donato,

¹¹ Narrativa formulada a partir das declarações prestada, pelo senhor Ronaldo Ferreira do Nascimento, ao delegado Alberto Barreto do Carmo, no dia 18 de setembro de 2000.

não sabendo a quem pertencia a Parati sem placa que também se encontrava no local. Declarou ainda que, ao saber do atropelamento ocorrido com o prefeito no dia seguinte, e que o veículo envolvido em tal acontecimento era uma Parati de cor clara, logo ligou uma coisa à outra, e resolveu prestar queixa e dizer o que tinha visto.

Após a população tomar conhecimento desses depoimentos, o clima de agitação na cidade piorou bastante, a suspeita agora tem nome.

As pessoas ficaram muito revoltadas, tudo isso acontecendo ao mesmo tempo, era coincidência demais para o povo acreditar. O choque e o sofrimento da morte do prefeito se misturou a raiva, por isso houve tanta confusão, era medo de não haver justiça¹².

A crença de que a morte do prefeito não teria sido um acidente, mas sim um atentado político, provocou muitos conflitos: o dizer, ou o ouvir dizer, acerca dos supostos motivos que causaram essa morte, constituiu conflitos sérios, com consequências graves para algumas pessoas.

Damos como exemplo o caso do deputado federal Damião Feliciano, que foi agredido ao chegar no velório, por populares. Esses estavam enfurecidos por acreditar que o então deputado negara ajuda a Toinho do bar. *“Aquele doutorzinho não deixou Toinho falar na rádio dele, para denunciar as ameaças que vinha sofrendo. Depois vem dar uma de amigo, pensando que o povo não tava sabendo que ele era um traira¹³”*.

Os jornais do estado fazem referência acerca desse ocorrido, assim como é o caso do Jornal da Paraíba:

Afora a tentativa de linchamento do deputado federal Damião Feliciano (PMDB), ainda pela manhã, no local do próprio velório, o clima dos moradores daquela cidade durante o cortejo, era dos demais tensos, em função das pessoas temerem que pudessem surgir correligionários do candidato do PFL (...) que há duas

¹² Entrevista concedida por Nilma Domingos, em 15 de janeiro de 2007.

¹³ Entrevista concedida a autora, pela senhora Bernadete Soares, em 16 de fevereiro de 2007.

semanas vinha travando uma verdadeira ‘batalha’ política com Toinho do bar¹⁴.

Uma outra ocorrência, nesse sentido, e que foi noticiado no jornal Diário da Borborema, se deu com a então presidente da câmara, Wilma Donato, filha de Genival Donato, candidato a prefeito, pelo PFL, ou seja, adversário de Toinho do bar. Esse detalhe seria o motivo da tentativa de linchamento da mesma. Como está explicitado no Jornal da Borborema do dia 12 de setembro de 2000:

Ainda revoltada com a morte do prefeito de São Sebastião de Lagoa de Roça, Antônio Pedro Santos, Toinho do bar (PMDB), a população partiu ontem, às 10h, para linchar a presidente da câmara de vereadores, Wilma Donato (PFL) que pretendia empossar Pedro Joaquim de Araújo, no cargo de prefeito. A tropa de choque da polícia militar entrou em ação e retirou Wilma da cidade. Ela é filha do candidato a prefeito da oposição, Genival Donato (PFL).

Fatos como esses se tornaram corriqueiro naqueles dias. A morte de Antônio Pedro, parece algo inaceitável para a população, que procurava encontrar um meio de dar vazão a esse sentimento. E o ataque a qualquer um que representasse algum tipo de oposição as suas ideias, parecia ser uma obrigação para com o personagem “Toinho do bar”.

O sepultamento do então prefeito ocorreu no dia seguinte a sua morte, sob um clima de muita tensão. A polícia deu início às investigações, tendo o juiz da 13ª zona, Eronildo José Pereira, baixando uma portaria proibindo qualquer manifestação política no município. Segundo *este* “O clima era de hostilidade total e houve conflito entre manifestantes. Muitos queriam invadir as casas de quem se dizia eleitores do candidato adversário¹⁵”.

O delegado Aldo Barreto do Carmo, prosseguiu com o inquérito policial. Interrogou os candidatos a prefeito e a vice-prefeito, pelo PFL, adversário de Toinho do bar na campanha para prefeito, em 2000, Genival Donato e Raimundo Sebastião da Silva. Nos depoimentos ambos se

¹⁴ Edição do dia 12 de setembro do Jornal da Paraíba.

¹⁵ Informações retiradas do Jornal da Paraíba, edição do dia 12 de setembro de 2000.

declararam inocentes. O primeiro acima citado afirma que só veio a saber do acontecido as cinco horas da manhã, do dia dez de setembro. Sabendo também que a família do prefeito estava acusando o senhor Raimundo, como mandante do crime. Assim saiu da cidade temendo represália por parte da população.

O segundo declarou que estava dormindo em sua residência, na madrugada do dia do acidente que vitimou o prefeito e que foi acordado por um telefonema anônimo acusando-o de assassino, e ameaçando-o, dizendo que isto não iria ficar assim e que sua casa seria arrombada. Declarou ainda que por volta das 08:30, foi escoltado pela polícia, juntamente com sua família para fora da cidade.

Um outro depoente nesse caso, foi o senhor Ricardo César de Araújo. Que declarou estar dirigindo o veículo causador do atropelamento, que vitimou o então prefeito, e outras pessoas. Em suas declarações, o mesmo afirma que estava, no dia em questão, vindo da cidade de Campina Grande, para Esperança, por volta das 00:00 horas, na BR. 104, quando deparou-se com uma multidão que caminhava pela pista. Tentou evitar o atropelamento das pessoas, porém não foi possível. Segundo este, porque estava escuro, chovendo e neblinando. Com o impacto, o carro desgovernou-se, porém, conseguiu seguir em frente, não parando por medo de ser linchado¹⁶.

Após, ouvir os convocados, o delegado encerrou suas investigações. Segundo o relatório final ao judiciário: “(...) não resta nenhuma dúvida de que o acidente foi uma fatalidade, ficando descartada que o acidente teve cunho político, e que tenha havido “HOMICÍDIO

¹⁶ Narrativas formuladas a partir dos depoimentos colhidos pelo delegado Aldo Barreto do Carmo, dos senhores Genival Donato de Lima, Raimundo Sebastião da Silva e Ricardo César de Araújo. Nos respectivos dias: 13 e 18 de setembro de 2000.

DOLOSO”¹⁷, este causado involuntariamente, segundo o diz o referido relatório, pelo senhor Ricardo César de Araújo.

Esse seria mais um processo arquivado pela justiça e esquecido em pouco tempo, se o contexto no qual o mesmo estava inserido já não tivesse criado em torno de Antônio Pedro dos Santos algumas imagens, essas construídas a partir da espetacular campanha política que o mesmo promoveu ainda em 1996, quando elegeu-se prefeito de Lagoa de Roça.

É interessante perceber, que mesmo antes da sua morte, Antônio Pedro já tinha algumas imagens ligadas a ele pelos caminhos do simbolismo. Como já destacamos, a maneira que ele agiu para adentrar na disputa pelo governo municipal, montando seus discursos a partir das necessidades da população, mantendo uma relação de identificação com os anseios do povo, montando sua plataforma de governo e expondo-a aos populares, mesmo antes de ascender ao cargo.

Assim, transmitindo uma confiança extremada, de que tais metas seriam alcançadas no futuro, e que ele, Toinho do bar, era o representante e um novo tempo, o tempo da mudança pairava no imaginário da população, enquanto símbolo de uma vida melhor para o povo. Como podemos perceber, a partir de depoimentos de alguns de seus eleitores:

Quando Toinho estava vivo, controlava tudo sozinho. Toinho dizia que ia fazer alguma coisa e fazia, lembra como a cidade era cheia de lixo? No tempo da campanha ele dizia que quando fosse eleito, Lagoa de Roça ia ser uma cidade limpa, e foi verdade. Distribuíu lixeiro para todo mundo e botou o carro para pegar o lixo. Se ele tivesse vivo muita coisa boa, ainda ia ser feita aqui (...) ¹⁸

No Jornal Diário da Borborema, edição do dia doze de setembro, encontramos referências acerca das representações criadas em torno desse personagem da política local. Cita o referido jornal: “(...) *o atropelamento não*

¹⁷ Informações retiradas do relatório final acerca do atropelamento que vitimou Antônio Pedro dos Santos. Este redigido pelo superintendente regional de polícia civil Severino de Carvalho Lopes, e enviado ao ministério público no dia 22/09/2000.

¹⁸ Entrevista concedida a autora, em 05 de fevereiro de 2007, pelo funcionário público municipal e eleitor de Toinho do bar, Agamenon Guedes.

está sendo classificado como acidente comum, e sim tido como atentado político, devido à grande popularidade de Toinho do bar, que segundo a população era conhecido como 'o pai da pobreza'.”

Nesse sentido, parece pertinente lembrar já as palavras de Balandier (1992, p. 6) ao afirmar que acerca de questões como a espetacularização ou teatralização da política, podemos observar que “o grande ator político comanda o real através do imaginário”. Ou seja, quando se consegue penetrar no imaginário de um determinado grupo social e influenciar sua formação ou transformação, torna-se possível a criação de representações, e partindo dessas, liderar ou manipular as práticas sociais.

O imaginário cria, constrói, desenvolve as representações de mundo, da realidade vivida. Sandra Pesavento, em discussões referentes a questão do imaginário, comenta que *“Tanto as sociedades arcaicas quanto as modernas, contemporâneas, teologizadas possui seus sistemas imaginários de representação, a construir verdades, certezas, mitos, crença”* (PESAVENTO, 2003, p. 46). Assim, o imaginário seria um sistema existente em todas as épocas, formando as ideias, as imagens e as representações que os homens produzem em coletividade.

As representações coletivas não são copiadas do real, mas produzidas ou construídas a partir deste, tem valor de verdades, a partir do contexto no qual está inserida. Ainda partindo das perspectivas de Pesavento, podemos entender que:

As representações são também portadoras do símbolo, ou seja, dizem mais do que aquilo que mostram ou enunciam, carregam sentidos ocultos, que, construídos social e historicamente, se internalizaram no inconsciente coletivo e se apresentam como naturais (...) (2003, p. 41).

Inserida na nossa busca pela compreensão de como foram criadas as imagens em torno do político Antônio Pedro, em especial após a sua morte, as discussões referentes a esse conceito nos parecem pertinente, já

que, entendemos que os discursos e as narrativas usadas na construção do nosso estudo, se inserem no contexto dessas perspectivas.

Para tanto, tal imaginário transcendeu o âmbito dos discursos que circularam em torno do morto, tornando-o um personagem em disputa. Discursos que se fizeram lembrar, rememorar a materializar através de alguns dispositivos, cuja função de serem lugares de memória ajudarem Lagoa de Roça a não esquecer “Toinho do bar”, como veremos adiante.

CAPÍTULO III

CONSTRUINDO TRADIÇÕES, ESTABELECIMENTO REPRESENTAÇÕES EM TORNO DE “TOINHO DO BAR”

Neste capítulo, nossa análise perpassa pelos dispositivos de memória usados para rememorar o personagem “Toinho do bar”, após sua visibilidade na política local. Abordaremos, mais especificamente, os lugares voltados para as práticas de celebrações em torno do ferido municipal do dia 10 de setembro, da festa em homenagem a Santo Antônio, ocorrida no mês de setembro, como também as inscrições do seu nome em ruas, casas comerciais e escolas.

Iniciamos fazendo uma abordagem acerca de alguns conceitos, que consideramos pertinente em nosso trabalho. Para tanto, nos apropriamos das falas de Nora (1993) e Halbwachs (1990), discussões que abarcam a problemática da memória em sua dimensão social e simbólica. Por último, abordamos o conceito que trata das tradições inventadas de Hobsbawm.

Ressaltamos tais questões, por percebemos que estes entendimentos cabem na nossa problemática, haja vista, neste capítulo trabalharmos com os dispositivos de memória que instituíram Antônio Pedro como, o “inesquecível Toinho do bar!”, personagem sempre citado, em diversas ocasiões, tanto por populares, quando pelo grupo político hegemônico atual do município de Lagoa de Roça.

3.1 A Memória como instrumento de perpetuação

Depois da morte de Antônio Pedro, seu primo, Ramalho Alves, o substituiu na disputa pelo cargo de prefeito, em 2000. Foi eleito com grande maioria de votos, e assumiu as funções correspondente ao cargo no dia primeiro de janeiro de 2001. No seu discurso de posse, Toinho do bar não deixou de ser lembrado. Senão vejamos:

Grande é a responsabilidade que este mandato me confere, e por isso mesmo, peço ao povo que me ajuda a cumpri-lo e a honra-lo. Este povo que confirmou em Antônio Pedro dos Santos, o “Toinho do bar”, em minha pessoa e na família do PMDB. (...).

Pretendo ser na prefeitura municipal um prefeito do povo, liberto e de compromisso político¹⁹.

Ramalho Alves, lidera o grupo que está à frente do poder político em Lagoa de Roça, desde sua eleição em 2000, ou seja, está na segunda gestão como prefeito do município. E foi nessa administração que se instituiu a lei municipal de número 211/2001, que proclama o dia dez de setembro feriado municipal. Diz o Art.1º da referida lei:

Fica proclamado feriado municipal o dia 10 de setembro, diante do grave acontecimento que vitimou o nosso saudoso ex-prefeito Antônio Pedro dos Santos – “TOINHO DO BAR”, homem público e dinâmico que mudou a história política, econômica e social do nosso município.

A partir dessa oficialização, outras leis que lembravam “Toinho” também foram instituídas no município. Entre elas, podemos destacar a mudança do nome da maior escola do município, que antes se chamava “Mãezinha Donato”, homenagem *in-memoriam*, a dona Josefa Genuína de Trindade Medeiros, mãe dos ex-prefeitos: Genival e Antônio Donato de Medeiros. Passando a chamar-se Antônio Pedro, sendo oficializado a partir da lei de nº 224/2001, promulgada em 31 de dezembro de 2001. Bem como o nome de uma rua, que faz referência ao ex-prefeito, sendo oficialmente denominada Antônio Pedro, porém, mais conhecida como rua Toinho do bar. Instituída como tal, no dia 06 de dezembro, pela lei municipal de nº 202/2000.

É interessante percebermos que esse tipo de atitude não tem apenas o aval do poder institucional, mas também da sociedade, que denomina diversas casas comerciais como o nome dele. São bares, mercadinhos, bombonieres entre outros. Questionando os donos desses estabelecimentos, acerca dos motivos que os levaram a registrá-los dessa forma, percebemos que seria uma maneira de fazer lembrar, ou rememorar o referido político. Vejamos o que nos diz seus relatos:

¹⁹ Discursos de posse proferido pelo senhor prefeito Ramalho Alves, no dia 01 de janeiro de 2001.

(...) botar o nome de Toinho no seu mercadinho, é uma forma de homenagear o grande homem que ele foi para nossa cidade, e também, sempre que a gente olha e ler, vai se lembrar dele. É assim, um jeito de cair no esquecimento do povo, de não apagar da memória (...) ²⁰.

Na verdade, o nome do seu comércio é Santo Antônio, mas a homenagem é para Toinho do bar, porque o nome dele também era Antônio. Eu achei muito natural botar o nome dele, já que, vivo ele foi o maior homem da política dessa cidade, isso ninguém pode negar. Estranho seria, se eu tivesse colocado o nome de outro. Sem falar que o mercadinho fica bem no local da festa (...) ²¹.

No caso da última citação, é interessante destacar que o entrevistado fala acerca da denominação do seu comércio fazendo referência a Toinho do bar, porém o nome do estabelecimento é o do santo, o que nos faz perceber todo um simbolismo intrínseco no seu falar.

Todas essas ações, sejam elas referentes a lugares públicos ou não, nos leva a perceber o empenho em estimular a lembrança: se configuram em celebrar, rememorar o morto. Seria uma forma de prevenir que a sua lembrança não vai cair esquecimento, ou seja, do possível ostracismo causado pelo passar do tempo, logo lançando esses dispositivos de memória para garantir a permanência de sua presença.

No trabalho de Pierre Nora, referente os lugares de memória, o autor insinua um movimento de alteração no tempo, ou seja, a história passa por um processo de aceleração. O novo é que está em evidência, a duração do acontecimento é o da notícia, isso, graças também aos meios de comunicação.

Voltado para essa discussão, Nora identifica a situação onde o passado vai cedendo seu lugar para a noção de um “eterno presente!”, a partir do uso da expressão “aceleração da história”. Ele percebe que, nesse momento, assegurar os traços e vestígios do passado, seria uma forma de tentar conter esse processo da contemporaneidade, efeito de devastação e

²⁰ Discurso de posse proferido pelo senhor prefeito Ramalho Alves, no dia 01 de janeiro de 2001.

²¹ Entrevista concedida a autora em 18 de janeiro de 2007, pelo senhor Francisco José Filho.

desintegração da memória. Porém, para que isso ocorra é preciso construir os “lugares de memória”, garantido alguma coisa “concreta” do passado, como o mesmo afirma dizendo que:

Os lugares de memória nascem e vivem do sentimento de que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, porque essas operações não são naturais. (NORA, 1993, p. 13).

Assim, segundo esse autor, esses lugares, criados pelos homens em torno dos acontecimentos presentes ou passados não são naturais, mas confeccionado com o propósito de preservação, demonstrando com isso o desejo de retorno aos ritos que estabelecem os grupos.

Uma outra preocupação notabilizada nessa discussão, estaria a própria diferenciação entre as operações da memória e àquelas da história: esses pares embora próximos em sentido ao evocar o tempo que passou, ainda assim não podem se confundir. Segundo Nora, essas operações estariam longe de se estabelecerem enquanto sinônimos:

A história é a reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais. A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente, a história, uma representação do passado. Porque é a afetiva e mágica, a memória não se acomoda a detalhes que a confortam, elas se alimentam de lembrança vagas telescópicas, globais e flutuantes, particulares ou simbólicas, sensível a todas as transferências, cenas de censura ou projeções. A história, porque operação intelectual e laicizante, demanda análise e discurso crítico (Ibid., p. 09).

Assim como Nora, que faz essa distinção entre memória e história, o sociólogo Maurice Halbwachs também discute acerca dessa questão. Na sua obra *A Memória Coletiva*, este autor destaca as diferenças entre os significados dessas palavras. Para ele, a memória coletiva ou social não pode ser confundida com a história. Na sua leitura, seriam justamente o oposto, no sentido de que a história começa onde a memória acaba, e a memória acaba quando não existe um grupo para dar-lhe um suporte. E quando isso acontece, a memória de salvar as lembranças seria:

(...) fixa-las por escrito em uma narrativa seguida, uma vez que as palavras e os pensamentos morrem, mais os escritos permanecem. Se a condição necessária, para que haja memória, é que o sujeito que se lembra, indivíduo ao grupo, tenha o sentimento de que busca suas lembranças num movimento contínuo, como a história seria uma memória, uma vez que há uma solução de continuidade entre a sociedade que lê essa história, e o grupos testemunhas ou atores, outrora, dos fatos que ali são narrados? (HALBWACHS, 1990, p. 80-81).

A permanente busca pela lembrança, da qual o autor se refere mostra mais um aspecto que pode demonstrar a diferença entre memória e história. Essa seria a maneira como se relaciona com o tempo. A memória não faz corte nem rupturas. Para que esta exista é preciso que aquele que se lembra tenha um sentimento e continuidade.

Fazemos aqui uma abordagem a essas referências, por percebemos que esse aporte conceitual é relevante para o desenvolvimento da reflexão referente a formação das representações construídas em torno do personagem “Toinho do bar”. Essas, formuladas graças, também, ao uso da memória.

Como dito anteriormente, foi formado em torno de Toinho, logo após sua morte, uma atmosfera de mártir político local. Para tanto, essa representação acabou por se estender social e temporalmente e personificar-se às rememorações entornadas por práticas simbólicas.

Se quando vivo “Toinho do bar” era um político carismático que arrebatava multidões com seus discursos, morto se tornou herói martirizado. Não apenas pelos discursos proferidos pelo grupo do qual era líder, mas, sobretudo, pelas representações formadas a partir dos diversos olhares voltados para o mesmo.

A instituição do feriado do dia 10 de setembro, o nome de “Toinho do bar” em ruas e escolas, seria uma forma oficial de lembrar esse herói, de celebrar e homenagear... seriam os dispositivos de memória institucionalizados. Estes, criados para assegurar o seu não esquecimento.

Uma forma de não permitir que este político passe despercebido, e que sua história seja preservada no contexto municipal.

A exemplo temos que todos os anos, no aniversário de morte do ex-prefeito, é organizada em Lagoa de Roça uma missa específica. Na grande maioria das vezes, a celebração é campal, haja vista que a igreja da cidade não comporta todos os presentes. A missa ocorre durante a tarde, lembrando que as missas “especiais” da paróquia, são celebradas nesta parte do dia.

Algumas pessoas, dentre essas familiares, amigos, correligionários e autoridades, se pronunciam, lembrando os feitos de “Toinho do bar”, bem como, sua morte prematura, através de mensagens que são preparadas com antecedência. Essas são distribuídas entre os presentes. Assim, durante a cerimônia religiosa, os discursos que lembram o prefeito morto já se tornaram parte do ritual, um costume ou tradição no dia do feriado. Vejamos alguns trechos desses tipos de discursos proferidos especialmente nesse dia:

A morte, antecipada como a tua, muitas vezes nos traz angústia e dor. Por não aceitarmos a brutalidade, a frieza, a covardia de como interromperam tua vida por um atropelamento. Como poderiam parar tua grande determinação, se não te parassem retendo a tua vida (...). Tu ensinaste como se administra um município. Não é como ganância de estar no poder e sim de ter amor e capacidade para tal. Foi assim, pondo em prática o que saía de tua boca que conseguiste o sucesso e te mostraste um verdadeiro líder. Levantaste sucessores, que estão dando continuidade à teu trabalho (...)²².

Assim, a missa se configura, nesse contexto, como um dos mais destacados dispositivos usados para rememorar o personagem político aqui discutido. É uma celebração, de algo que está para além da matéria, logo que se instituiu um rito de rememoração.

²² Mensagem escrita por dona Giorgina Bezerra, sendo utilizada durante a missa celebrada no aniversário de morte de Antônio Pedro dos Santos. No dia 10 de setembro de 2002.

Outro momento de rememoração e que parece já ter virado tradição, mesmo sem a oficialidade municipal, diz respeito a festa de Santo Antônio, que acontece sempre no mês de setembros, no bairro da bela vista. Esta acontece nesse bairro da cidade, por que lá reside o organizador da festa, o cidadão Reginaldo Antônio da Costa, mais conhecido como “Reginaldo Cabelereiro”. Este, segundo suas próprias declarações, gosta muito de organizar este tipo de festas, especialmente as de quermesse:

Sempre gostei de organizar festa de rua. Toinho, quando era vivo, me ajudava muito a fazer a festa das crianças, aqui no bairro, em outubro. Depois achei que seria bom fazer a festa de Santo Antônio, pois eu descobrir que o nome do nosso bairro é Santo Antônio, e não Bela Vista, como todo mundo chama. Aí a prefeitura ajuda e a gente faz o resto. Teve um ano que o padre ficou meio zangado, ele teve viajando, e foram dizer que o retrato de Toinho, no dia da procissão, ia na frente do andor. Mas isso não foi assim. As pessoas iam levando um retrato, mas não na frente do santo, eu nunca iria permitir isto²³.

É válido ressaltar que, segundo nos informou o secretário da câmara municipal, não existe nenhuma lei que denomine aquela parte da cidade, segundo este: “(...) *aquele bairro ainda não tem nenhum nome oficial, o povo é que dá nome aquele local, uns chamam de Bela Vista, outros de Santo Antônio, mas nada oficialmente*”²⁴.

A festa acontece numa determinada rua do bairro. Com parques de diversões, e o chamado pavilhão, que consiste numa área coberta, onde as pessoas se divertem, comendo, bebendo e ouvindo música ao vivo. Vale salientar que é nesse local onde se concentra a elite política da cidade, na época da festa, e onde os adversários não são bem-vindos. Porém, os mesmos não deixam de comparecer, gerando assim, alguns conflitos entre grupos. Apresentando suas opiniões acerca dessa questão, alguns cidadãos, sendo uns da situação e outros de oposição, nos deram suas versões:

²³ Entrevista concedida a autora no dia 15 de janeiro de 2007.

²⁴ Entrevista concedida a autora, no dia 02 de janeiro de 2007, pelo secretário da Câmara Municipal de Lagoa de Roça, senhor Roselito Bezerra Souto.

(...) sinceramente, eu acho que esse povo do outro lado não deveria nem aparecer. É muita cara de pau, **sabem que a festa é de Toinho** (grifo da autora), e mesmo assim vão, só pode ser provocação. Vão só para arrumar confusão, com toda certeza para estragar a festa, que é nossa e não deles. A verdade é que até hoje eles não aguenta (sic) as derrotas²⁵.

A festa torna-se um território em disputa. É interessante perceber, que ao quando referirem-se ao evento, não entra na discussão quem está sendo homenageado. Se o santo ou Toinho, os conflitos não discutem essa questão. Seria como se estivessem em campanha, situação e oposição. Os primeiros entendem aquele espaço como deles, os segundo se sentem marginalizados. Como podemos observar no depoimento a seguir:

A festa é pública, todo cidadão tem o direito de ir e vir em qualquer parte da cidade, e participar de qualquer evento, **independente se a festa é de Toinho do bar ou não** (grifo da autora). Agora, quando a gente chega na festa, é recebido com agressão, pelo pessoal do lado do prefeito, aí fica difícil segurar os ânimos do pessoal, todo mundo se irrita. Foi isso que ocorreu em 2006, na festa de Santo Antônio²⁶.

É interessante perceber, através dessas falas, que os entrevistados, de um lado e do outro, como eles mesmos se auto definem, a forma como se referem a Toinho, seria como se o mesmo fosse alguém ainda presente, é a festa de “Toinho do bar”, e não se percebe uma contestação a esse respeito. Os conflitos, mas esses não questionam essa representação. Ou seja, a festa é de um personagem muito vivo, que se encontra entre a população, independentemente de suas rivalidades políticas.

Para além dessa discussão, o que podemos entender, é que, a instituição do feriado, a denominação de lugares públicos ou não, que fazem referência a Antônio Pedro, e até a festa que foi implementada por populares, porém, respaldada pelo poder político vigente, são lugares de memória, legitimados pelo que poderíamos chamar de tradições inventadas.

²⁵ Entrevista concedida a autora no dia 16 de fevereiro de 2007, pelo senhor Silvino Amaro.

²⁶ Entrevista concedida a autora no dia 23 de janeiro de 2007, pelo senhor Adelson Veloso.

O historiador Eric Hobsbawm, juntamente com Terence Ranger, sugeriu o entendimento das tradições inventadas, enquanto valor simbólico em constante alteração, cuja a permanência é sempre posta em jogo pelas práticas sociais. Assim:

Por ‘tradição inventada’ entende-se um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácitas ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente, uma continuidade em relações ao passado. (HOBSBAWM, 1984, p. 9).

Para esse historiador, uma tradição inventada seria quando uma tradição nova estabelece um vínculo com o passado ou uma continuidade com o mesmo. Porém, Hobsbawm lembra que o referencial desse estudo não estaria direcionado para a questão de tempo de duração ou sobrevivência da tradição analisada, sendo o centro da discussão voltado para o entendimento de como esta foi constituída e a partir de que práticas a mesma foi implementada.

Seria a busca pela compreensão de como se desenvolveu um conjunto de práticas culturais que falariam a respeito das maneiras que os indivíduos da história estabeleceram seus valores, seus rituais, seus arquivos simbólicos. Ou seja, não existe uma ligação direta com a temporalidade, haja vista que algumas vezes as tradições se instituem em pouco tempo e de maneira acelerada, a partir de um passado significado pela sociedade, como no caso da morte de “Toinho do bar” e os dispositivos que celebram sua memória.

Logo, nas sociedades atuais a memória assume um papel primordial, tornando-se objeto de disputas, e nos momentos que seguem à morte de uma personalidade de destaque, percebemos que as disputas em torno de sua memória se aprofundam.

No caso de Toinho, as disputas ocorreram em torno do político. Por se tratar de uma personalidade do poder institucional local, e estar no

auge de sua popularidade, os discursos marginalizados seriam os da oposição.

A construção do mito em torno do morto ilustre é absorvida pela população de maneira a legitimar o “grande homem” que ele foi em vida, especialmente aquele público. As tradições construídas (ou inventadas) para rememorar esse personagem, como a festa de Santo Antônio, comemorada em setembro, teria sido segundo o fundador da festa, *“uma homenagem ao santo, mas tornou-se a festa de Toinho do bar porque as pessoas ligavam o santo ao político, certamente por terem o mesmo nome. Não foi minha intenção, mas foi a o povo, virou tradição”*²⁷.

Assim, essa festa seria uma reelaboração do imaginário, desta vez envolvendo também o aspecto religioso, buscando na tradição já existente do santo católico, uma forma de criar e legitimar uma nova tradição, a partir dos desvios de uma velha tradição, que seria a de Santo Antônio.

Dentro de sua discussão, acerca das tradições inventadas, Hobsbawm ainda expõe três possibilidades para a formulação dessas, que seriam: quando estabelecem ou simbolizam a coesão social ou as condições de admissão de um grupo ou de uma comunidade reais ou artificiais, quando estabelecem ou legitimam instituições, ou relações de autoridade; ou quando o propósito principal é a socialização, a inculcar ideias, sistemas de valores e padrões de comportamento.

Inserindo essas questões no nosso estudo, podemos perceber que as tradições instauradas para a rememoração do personagem aqui discutido, se adequariam nas três possibilidades destacadas pelo autor, já que elas legitimam: as transformações ocorridas na sociedade em questão, as novas autoridades que vieram a se solidificar pós a morte de Antônio Pedro, que seriam o prefeito, a maioria dos vereadores que compõe a câmara municipal, juntamente com os secretários; todos fazendo parte do grupo antes liderado por Antônio Pedro; e a adesão social em torno dos

²⁷ Entrevista concedida a autora no dia 15 de janeiro de 2007, pelo senhor Reginaldo Antônio da Costa.

símbolos e ritos formulados, que legitimaram o “nascimento” desse personagem.

Um personagem que, graças ao poder simbólico que lhe foi atribuído, e aos lugares de memória, voltados para sua instituição enquanto líder mitificado, se inseriu no imaginário coletivo e solidificou as tradições criadas a sua volta, transformando-se num referencial da política partidária local, haja vista, seu nome ser constantemente lembrado, em especial em tempos de campanhas eleitorais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Chegamos ao final de nossa pesquisa com a sensação de que boa parte dos nossos questionamentos foram respondidos. No entanto, temos a certeza de que eles não são finitos. As questões acerca dos aspectos simbólicos e discursivos que envolvem as práticas daqueles que se mantem no poder, seja esse que quaisquer aspectos da sociedade, são vastas e de longa discussão.

Entretanto, é necessário ressaltar que existe uma acentuada satisfação, por termos desenvolvido, mesmo que de forma inicial, a problemática proposta.

Percebemos que a nossa busca pelos jogos de poder em Lagoa de Roça, e que envolveram a construção de mitos, ritos e representações, voltadas para o sujeito Antônio Pedro dos Santos, perpassa através de uma análise dos conflitos e manobras próprias do cenário político local.

Todavia, subsidiados a partir de um aparato teórico e metodológico, e fazendo uso das informações obtidas através de uma gama variada de fontes, nos foi possibilitado um olhar que vai além das convencionalizações binárias que envolviam as disputas pelos grupos políticos em xeque.

Percebemos que muitos eram os interesses para a construção de imagens, representações e tradições, em torno do político Antônio Pedro, principalmente após a sua morte, essa adornada com requintes de teatralização e comoção social, uma vez que os interesses para sua mitificação enquanto político “inesquecível” partiu, não apenas da hegemonia política vigente (os pares partidários), mas, sobretudo, por parte da população local.

No decorrer do trabalho, entendemos que as estratégias de campanha de Antônio Pedro foram determinantes para que fossem formuladas as representações simbólicas acerca do mesmo, após sua morte. De uma forma espetacularizada, mas ao mesmo tempo, sutil e envolvente, este político impôs sua presença no cenário da política pública-partidária da cidade, orquestrado habilmente o universo simbólico da população.

Como observava Bourdieu: “(...) os sistemas simbólicos cumprem a sua função política de imposição ou de legitimação da dominação (...)” (1989, p. 11), ou seja, seria a transposição de uma dominação efetivamente imposta, pela dominação simbólica.

O líder, nesse caso, tornou-se, no imaginário social deste povo, seu representante legítimo. A morte só solidificou essa imagem, legitimando representações que de certa forma, já se gestara com antecedência. Assim, de grande líder político local, ele passa a mártir, mito e herói, quiçá divino.

Os lugares de memória institucionalizados para rememorar o personagem, assim como, as tradições construídas, no intuito de “eternizá-lo”, correspondem a uma expectativa já fabricada pela população do

município, acerca do então político. Assim, a subjetividade popular atribuiu-lhe significados correspondentes com seu universo imaginário.

Por fim, cabe apenas lembrar que de Antônio Pedro à “Toinho do bar”, muitos foram os caminhos feitos e desfeitos, em torno das representações que lhe deram visibilidade. Sentidos constantemente repostos pelo jogo das imagens e discursos que o cercam, que agenciam para si memórias, tornando-o sempre presente no contexto da vida cotidiana de Lagoa de Roça.

FONTES

Fontes documentais:

Arquivo da Câmara Municipal de São Sebastião de Lagoa de Roça. **Atas de Projetos de Lei** de 2000-2007.

Fórum Tavares Cavalcante, Alagoa Nova, PB.

Fontes orais:

Adelma Souto Diniz, funcionária pública. Entrevista em 05 de fevereiro de 2007.

Agamenon Guedes, funcionária pública. Entrevistado em 05 de fevereiro de 2007.

Arnaldo Santos, comerciante. Entrevistado em 18 de janeiro de 2007.

Bernadete Soares, doméstica. Entrevistada em 15 de janeiro de 2007.

Eriberto Paulino, advogado. Entrevistado em 23 de janeiro de 2007.

Helia Maria Gregório, técnica em enfermagem. Entrevistada em 10 de dezembro de 2006.

José Francisco Filho, comerciante. Entrevistado em 18 de janeiro de 2007.

Marcone Farias, comerciante. Entrevistado em 05 de fevereiro de 2007.

Nilma Guedes Domingos, comércio. Entrevistada em 15 de janeiro de 2007.

Noilma Santos, funcionária pública. Entrevistada em 27 de janeiro de 2007.

Reginaldo Antônio da Costa, cabelereiro. Entrevistado em 15 de janeiro de 2007.

Roselito Bezerra Porto, secretário da Câmara Municipal de Lagoa de Roça. Entrevistado em 02 de janeiro de 2007.

Silvino Amaro, policial militar. Entrevistado em 16 de fevereiro de 2007.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICA

AIRES, José Luciano de Queiroz. **Inventando tradições, construindo memória**: “a revolução de 1930” na Paraíba. João Pessoa: 2006.

AMADO, Janaina; FERREIRA, Marieta de Moraes. **Usos e abusos da história oral**. Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1996. 1º edição.

BALANDIER, Georges. **O poder em cena**. Coleção Pensamentos Políticos. Nº 46. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1980.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. 7ª edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

CAPELATO, Maria Helena Rolim. **Estado Novo**: Novas Histórias. In: FREITAS, Marcos Cezar (Org.). *Historiografia em Perspectiva*. 6ª edição. São Paulo: Contexto, 2005.

CARVALHO, José Murilo de. **A Formação das almas**: o imaginário da república no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

_____. **Os bestializados**: o Rio de Janeiro e a república que não foi. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

FALCON, Francisco. **História e poder**. In: CARDOSO, Ciro F.; VAIFAS, Ronaldo. (Orgs.). *Domínio da História: Ensaio de Teoria e Metodologia*. Rio de Janeiro: Campos, 1997.

GURJÃO, Eliete de Queiroz. **Morte e vida das oligarquias**. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 1994.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

HOBBSBAWM, Eric; RANGER, Terence (orgs.). **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

MAGALHÃES, Nora Maria Emanuéli. **O povo sabe votar**: uma visão antropológica. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

NORA, Pierre. Entre memória e a história: a problemática dos lugares. In: **Revista Projeto História**. PUC-SP, São Paulo, nº 10, 1993.

PESAVENTO, Sandra. **História e história cultural**. Belo Horizonte: Autentica, 2003.

RÉMOND, René. **Por uma história política**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ/Evg, 1996.

SANTOS, Valter Araújo dos. **São Sebastião de Lagoa de Roça**: anotações para sua história, 2001.

SCHWARTZENBERG, Roger-Gérard. **O estado espetáculo**. Rio de Janeiro: Difel. 1977.